

Iniciada nas arquibancadas do Maracanã, a festa argentina se entendeu para o gramado. Antes da alviceleste receber a taça, Messi e Neymar protagonizaram cena de companheiros. Amigos de longa data, os dois deram um longo abraço. Com o troféu em mãos após 28 anos, os hermanos celebraram junto à torcida com direito a fogos de artifício dentro e fora do gramado. Os brasileiros acompanharam o momento e aplaudiram os rivais em respeito à conquista.



Aponte o celular e leia o placar e a programação de tevê de hoje.



Oito meses depois da morte de Maradona, o craque aponta lá do céu para Di María e escolhe o cara responsável por quebrar duas maldições: Argentina sai da fila de 28 anos e Lionel, enfim, é campeão

DIOS e o Ángel da guarda de Messi

DANILO QUEIROZ
ENVIADO ESPECIAL

Rio de Janeiro — Obsessivo por um título com a Argentina, Lionel Messi, enfim, conseguiu alcançar a meta, ontem. Depois de 15 anos — ou 5.806 dias —, 151 jogos e eliminações doloridas em 10 competições, com direito a quatro vice-campeonatos, a sonhada taça de camisa 10 pela seleção nacional veio no Maracanã, diante do Brasil. A alviceleste venceu o clássico, por 1 x 0, e volta a conquistar a Copa América para sair de uma seca de 28 anos.

A conquista será eternamente lembrada pela importância e o apelo para o principal jogador de uma geração. Messi é dono de recorde invejáveis pela seleção. É ele quem tem mais gols, assistências e jogos com a camisa do país vizinho. Porém, o protagonista do duelo foi outro nome não menos importante no conjunto da obra argentina.

Válvula de escape portenha diante de um camisa 10 anulado tecnicamente pela ferrenha marcação brasileira, o atacante Di María se destacou nas melhores chances argentinas.

Dos pés dele, aos 21 minutos do primeiro tempo, nasceu o gol do título da Argentina. De Paul fez lançamento certo, Renan Lodi bobou na tentativa de domínio e deixou Di María de frente para Ederson. O camisa 11 deu uma cavadinha precisa para encobrir o arqueiro brasileiro e causar a explosão dos argentinos nas arquibancadas do Maracanã.

Aquela altura, o gol não fez justiça ao visto em campo. O time verde-amarelo estava longe de ter ampla superioridade, mas tinha domínio da posse de bola e alugava o ataque. Não bastou.

A desvantagem despertou no Brasil a necessidade de partir para o tudo ou nada desde o primeiro minuto, quando Tite começou a distribuir atacantes pelo campo. A Seleção terminou o jogo com cinco, ao mesmo tempo, no gramado.

O time até balançar a rede nos minutos iniciais da etapa final com Richarlison. O lance, porém, foi impugnado por impedimento. No fim, Gabigol parou em Martínez em chance valiosa. Os brasileiros pararam, ainda, na famigerada catimba rival.

A noite era mesmo argentina e nem mesmo os gols claros perdidos por Messi e De Paul impediram a chegada do esperado momento de triunfo.

Principal esperança do bicampeonato consecutivo para o Brasil, Neymar, assim como Messi, foi cercado pela marcação rival. Muitas vezes, de forma desleal, com chegadas duras. A ineficiência dos demais pares de criação ofensiva, porém, foi fundamental para concretizar o fim de uma escrita vencedora. Essa foi a primeira vez, em seis oportunidades, que o país perdeu a principal taça de seleções da América do Sul jogando em casa.

A conquista é a 15ª Copa América da Argentina. A seleção alviceleste se junta aos uruguaios como os maiores vencedores. Vice da Copa no Maracanã em 2014, Messi encerrou o calvário.

Mauro Pimental/AFP



Argentina voltou a comemorar um título depois de 28 anos: a seleção principal não conquistava nadinha desde a Copa América de 1993, no Equador

"Sonhamos muito com o título. Muita gente nos criticava, mas seguimos lutando. Hoje, comemoramos a conquista que tanto estávamos buscando"

Di María, autor do gol

"Não conseguimos fazer o nosso jogo no primeiro tempo e melhor no segundo. Temos que tirar como aprendizado um início de partida como essa"

Thiago Silva, zagueiro

Ranking dos títulos

15

Uruguai

1916, 1917, 1920, 1923, 1924, 1926, 1935, 1942, 1956, 1959*, 1967, 1983, 1987, 1995, 2011

15

Argentina

1921, 1925, 1927, 1929, 1937, 1941, 1945, 1946, 1947, 1955, 1957, 1959*, 1991, 1993

9

Brasil

1919, 1922, 1949, 1989, 1997, 1999, 2004, 2007 e 2019

2

Paraguai

1953 e 1979

2

Chile

2015 e 2016

2

Peru

1939 e 1975

1

Colômbia

2001

1

Bolívia

1963

*Houve duas edições no mesmo ano

Aglomerções marcam a final

Quando foi oficializada no Brasil em substituição às sedes originais — Argentina e Colômbia —, a Copa América sofreu uma enxurrada de críticas, principalmente pela grave situação da pandemia de covid-19 em terras verde e amarela. Um dia antes da final, o Maracanã recebeu autorização para receber 4.400 mil torcedores, com 50% da carga destinada a cada uma das equipes. As exigências eram uso de máscara, distanciamento social nas arquibancadas e testes PCR negativos para a doença.

O último item, porém, provocou aglomerações nos arredores do estádio carioca antes da bola rolar. Ao identificar várias fraudes nos resultados após uma de-

núncia de um laboratório, a Conmebol exigiu contra-prova impressa de todos os presentes para confirmar a veracidade dos exames. Com isso, torcedores dos dois países — muitos sem máscaras — se juntaram na porta da arena para conseguir acompanhar a final. Vale lembrar que a aprovação da presença veio um dia depois do prazo dado aos PCRs.

Nas dependências do Maracanã, os torcedores foram separados e ficaram em lados opostos do estádio: os argentinos foram enviados para o setor sul, enquanto os brasileiros ocuparam as cadeiras norte. Com os hermanos mais barulhentos — e com nítida impressão de maioria nas arquibancadas —, a convivência foi pacífica, apenas com as esperadas provocações em relação à histórica rivalidade entre as duas seleções. No fim, o grito mais efusivo foi argentino.

No meio da torcida, também compareceram autoridades. Gianni Infantino, presidente da Fifa, Rodolfo Landim, presidente do Flamengo, e os jogadores argentinos do Vasco Germán Cano e Martin Sarrafiore — os vascaínos no meio da torcida de seu país natal — foram alguns dos que marcaram presença no Maracanã. O mandatário da Fifa mudou a agenda para vir ao Brasil. Esta-va com logística pronta para ir aos Estados Unidos, mas veio ao país para o clássico. (DQ)



BRASIL 0

Éderson; Danilo, Thiago Silva, Marquinhos ■, Renan Lodi ■ (Emerson); Casemiro, Fred ■ (Roberto Firmino), Lucas Paquetá ■ (Gabigol); Neymar, Éverton Cebolinha (Vinícius Jr.) e Richarlison. Técnico: Tite



ARGENTINA 1

Martínez; Montiel ■, Romero (Pezzella), Otamendi ■, Acuña; Paredes ■ (Guido Rodríguez), Lo Celso ■ (Tagliafico), Di María ■ (Palácios); De Paul ■, Messi e Lautaro Martínez (Nicolás González). Técnico: Lionel Scaloni

Público: não divulgado
Estádio: Maracanã, Rio de Janeiro
Árbitro: Esteban Ostojich (URU)